

Isabel de Dijon e Teresa de Lisieux: duas irmãs no Carmelo





Índice



- **Referências diretas de Santa Isabel da Trindade a Santa Teresa do Menino Jesus**
- **Influência de Santa Teresa do Menino Jesus nos escritos de Santa Isabel da Trindade**
- **Alguns traços comuns entre as 2 santas:**
 - **Confiança**
 - **Abandono**
 - **Infância Espiritual**
 - **Amor**

Referências diretas de S. Isabel da Trindade a S. Teresa do Menino Jesus

- **« (...) A Irmã Teresa do Menino Jesus diz que “só se é consumido pelo Amor na medida em que se tenha rendido ao Amor”. (...) Peçamos esta graça de simplicidade e de abandono à Irmã Teresa do Menino Jesus; (...)»** (SIT, carta 179, a Germana de Gemeaux, 20-09-1903)
- **« (...) Querida irmãzinha, “eco da minha alma”: era assim que Teresa do Menino Jesus chamava a uma das suas irmãs [Celina], (...) »** (SIT, carta 204, à sua irmã, 19-07-1904)
- **« (...) Vemos no Evangelho que o bom Deus, por vezes, nos quer fazer esperar, mas nada recusa à fé, à confiança, ao amor. É preciso “agarrá-Lo pelo coração”, dizia uma pequena carmelita morta [Santa Teresa do Menino Jesus] em odor de santidade! (...) »** (SIT, carta 206, à Senhora de Sourdon, 31-07-1904)

Referências diretas de S. Isabel da Trindade a S. Teresa do Menino Jesus

- « (...) Coragem, pois, Senhora e querida irmã, confio-a em particular a uma pequena carmelita que morreu aos vinte e dois anos [na realidade: 24 anos + 9 meses] em odor de santidade, e que se chamava Teresa do Menino Jesus. Dizia antes de morrer que haveria de passar o seu céu a fazer o bem na terra; a graça dela é a de dilatar as almas, de as lançar nas vagas do amor, da confiança, do abandono; dizia que tinha encontrado a felicidade, quando tinha começado a esquecer-se. Quer invocá-la comigo todos os dias para que ela lhe obtenha essa ciência que faz os santos, e que dá à alma tanta paz e felicidade! (...)» (SIT, carta 249, à Senhora Angles, 26(?) - 11-1905)
- « (...) Quando fiquei sozinha, fiz tentativas junto à borda da cama; mas isso custava-me tanto; roguei à Irmã Teresa do Menino Jesus, não para me curar, mas para me dar pernas, e pude andar. (...)» (SIT, carta 295, à sua mãe, 11-07-1906)
- « (...) Poderei assistir de uma pequena tribuna [às festas em honra das mártires de Compiègne], porque a Irmã Teresa do Menino Jesus, há três meses, ouviu-me, concedendo-me a força para dar alguns passos (...)» (SIT, carta 324, a Germana de Gemeaux, cerca de 10-10-1906)

Influência de S. Teresa do Menino Jesus nos escritos de S. Isabel da Trindade



Influência de S. Teresa do Menino Jesus nos escritos de S. Isabel da Trindade

«(...) Vou confiar-te uma coisa: repara, parece-me que Ele é a nossa Águia divina, nós somos as presas do seu amor; Ele toma-nos, coloca-nos nas suas asas e leva-nos bem longe, bem alto, para essas regiões onde a alma e o coração amam perder-se! Oh! Deixemo-nos tomar, ir até onde Ele quiser! Um dia a nossa Águia Bem Amada far-nos-á entrar nessa pátria a que as nossas almas aspiram. (...)» (SIT, Carta 41, a Margarida Gollot, 18-02-1901)

«(...) E as Águias, compadecendo-se do seu irmãozinho, protegem-no, defendem-no, e põem em fuga os abutres que o queriam devorar.

Os abutres, imagem do demónio, o passarinho não os teme, pois não está destinado a ser presa deles, mas da Águia que contempla no centro do Sol do Amor.

Ó Verbo divino! És Tu a Águia adorada que amo e que me atrai! És Tu que, descendo à terra do exílio, quiseste sofrer e morrer para atraíres as almas até ao seio do Eterno Fogo da Trindade Bem-aventurada. És Tu que, voltando a subir para a luz inacessível que será para sempre a tua morada, ficaste ainda no vale de lágrimas, escondido sob a aparência duma hóstia branca ...

Águia Eterna! Tu queres alimentar-me com a tua divina substância, a mim, pobre criatura, que voltaria ao nada se o teu divino olhar não me desse a vida a cada instante ...(...)» (STMJSF, Manuscrito B, 5 vº)

Influência de S. Teresa do Menino Jesus nos escritos de S. Isabel da Trindade

« (...) Oh! Que felicidade, minha irmã, como será bom! Mas enquanto nos quiser deixar aqui em baixo, amemos, amemos tanto quanto pudermos, vivamos do amor, minha muito amada irmãzinha, é o que eu mais desejo para os teus vinte anos, beijando-te tanto quanto te amo.»
(SIT, Carta 41, a Margarida Gollot, 18-02-1901)

«(...) Mas Ele que tudo sabe, sabe que o amo, e parece-me que essa palavra diz tudo! Viver de amor, quer dizer, não viver senão d'Ele, n'Ele, por Ele, não será ter já um pouco do Seu paraíso aqui na terra? Oh! Bem posso confiar-vos algo. Se soubésseis como por vezes tenho a nostalgia do Céu, gostava tanto de ir até lá acima, junto d'Ele, ficaria tão feliz se Ele me levasse mesmo antes do Carmelo, pois o Carmelo do Céu é bem melhor e seria à mesma carmelita no Paraíso. (...)» (SIT, carta 55, ao Cónego Angles, 19-05-1901)

A poesia de Santa Teresa do Menino Jesus “Viver de Amor” foi escrita em 05-02-1895

Influência de S. Teresa do Menino Jesus nos escritos de S. Isabel da Trindade

« (...) Recomendo-a a todos os nossos santos e, muito em particular, à nossa Santa Madre Teresa e à Irmã Teresa do Menino Jesus. (...) Também eu, Germana, quero ser santa, santa para fazer a Sua felicidade. Pede-Lhe que eu já não viva senão de amor, “é a minha vocação”. (...) » (SIT, carta 172, a Germana de Gemeaux, 20-08-1903)

«(...) Compreendi que o Amor encerra todas as Vocações, que o Amor é tudo, que abarca todos os tempos e todos os lugares numa palavra, que é Eterno! ... Então, num transporte de alegria delirante, exclamei: «Ó Jesus, meu Amor! encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor! (...) » (STMJSF, Manuscrito B, 3 vº)

Confiança



Confiança

« (...) Reza muito por mim, minha amada irmã, também comigo, não é um véu, mas um muro bem espesso, que mo esconde. É muito duro, não é, depois de o ter sentido tão perto, mas estou preparada para ficar neste estado tanto tempo quanto ao meu Bem-Amado agradecer deixar-me assim, porque a minha fé me diz que, apesar de tudo, Ele está lá, e para quê doçuras, consolações? Isso não é Ele. E é somente a Ele que procuramos, não será, minha querida Margarida? Avancemos pois para Ele pela pura fé. Oh! Minha irmã, nunca senti tanto a minha miséria, nunca me vi tão miserável, mas esta miséria não me abate, e antes serve, pelo contrário, para ir até Ele; julgo que é por ser tão fraca que Ele me amou tanto e que tanto me tem dado. (...)» (SIT, carta 53, a Margarida Gollot, 08-05-1901)

« (...) Dizei bem, minha Madre, que se eu tivesse cometido todos os crimes possíveis, teria sempre a mesma confiança, sentiria que essa multidão de ofensas seria como uma gota de água lançada num braseiro ardente. (...) » (STMJSF, Últimas conversas, 11 de julho)

Confiança

« (...) Querida Senhora, lance a sua alma nas vagas da confiança e do abandono, e pense que tudo o que a perturba, e a lança no temor, não provém do bom Deus, pois Ele é o Príncipe da Paz e prometeu-a “aos homens de boa vontade”. Quando recear ter abusado das graças d’Ele, como me diz, é então o momento de redobrar a confiança, porque, diz ainda o Apóstolo, “onde o pecado abunda, a graça superabunda”, e mais adiante: “Glorifico-me nas minhas fraquezas, porque então a força de Jesus Cristo habita em mim”. “É bem rico em misericórdia, o nosso Deus, por causa do seu imenso amor”. Não tema, pois, de modo algum aquela hora pela qual todos temos de passar. A morte, querida Senhora, é o sono da criança que adormece no regaço de sua mãe. E, então, por fim a noite do exílio terá desaparecido para todo o sempre e havemos de entrar na procissão da herança dos santos na luz. (...)»

(SIT, carta 224, à senhora Angles, pouco antes de 08-03-1905)

« (...) Lançou-me a todo o pano sobre as ondas da confiança e do amor, que me atraíam com tanta força, mas sobre as quais não me atrevia a navegar ... » (STMJSF, Manuscrito A, 80 vº)

Confiança

« (...) Confiança, minha querida Alice, Ele é todo-poderoso e nós rezamos com toda a nossa alma! (...)» (SIT, carta 96, a Alice Chervau, 29-09-1901)

« (...) Mas o bom Deus está aí e nunca falta àqueles que a Ele se confiam. (...) Vemos no Evangelho que o bom Deus, por vezes, nos quer fazer esperar, mas nada recusa à fé, à confiança, ao amor. É preciso “agarrá-Lo pelo coração”, dizia uma pequena carmelita morta em odor de santidade! ... A Deus, querida Senhora, deixo-vos com estas palavras de Santo Agostinho: “Ele está lá quando nos cremos sós. Ouve-nos quando ninguém nos responde. Ama-nos quando tudo nos abandona”. (...)» (SIT, carta 206, à Senhora de Sourdon, 31-07-1904)

« (...) Oh, não! Não receio uma vida longa; não recuso o combate, porque o Senhor é o rochedo em que me elevo, é Ele que adestra as minhas mãos para o combate e os meus dedos para a guerra. Ele é o meu escudo. Confio n'Ele, - Sl. CXLIII [Sl 143, 1-2] – por isso, nunca pedi a Deus para morrer jovem, mas é verdade que sempre desejei ser essa a Sua vontade. (...) » (STMJSF, Manuscrito C, 8 vº)

Confiança

« (...) Os meus respeitosos cumprimentos à Senhora d'Anthès, diz-lhe que rezo com toda a minha alma e que [eu] estou cheia de confiança: parece-me que a minha oração é muito poderosa, porque não sou eu que rezo, mas o meu Cristo que está em mim! (...)» (SIT, carta nº 105, a Francisca de Sourdon, 28-01-1902)

« (...) Agora é o meu coração que fala E se dirige Àquele que vos ama com um tão grande amor; tenho pois toda a possibilidade em ser escutada ... Confiança, querida Senhora, o bom Deus, às vezes, faz-nos esperar, mas a sua paternal Providência governa tudo. “Pensa em mim, e Eu pensarei em ti” [Santa Catarina de Sena]: eis o que Ele vos faz dizer hoje através da sua feliz esposa. (...)» (SIT, carta 181, à Senhora de Sourdan, 21-11-1903)

« (...) Oh! Não é isso! A santidade não consiste nesta ou naquela prática, é mais uma disposição de coração que nos faz humildes e pequenos nos braços de Deus, conscientes da nossa fragilidade, e confiantes, até à ousadia, na Sua bondade de Pai. (...)» (STMJSF, Últimas conversas, 3 de agosto)

Abandono



Abandono

« (...) O abandono, querida Senhora, eis o que nos entrega a Deus. Sou muito nova, mas parece-me que por vezes já sofri muito. Quando tudo se complicava, oh, então, quando o presente era tão doloroso e o futuro me parecia ainda mais sombrio, fechava os olhos, abandonava-me como uma criança nos braços deste Pai que está nos Céus. (...)» (SIT, carta 129, à Senhora de Sourdon, 25-07-1902)

« (...) Oh!, então, se soubéssemos entregar-nos por completo nas mãos d'Aquele que é nosso Pai (...) Não duvide d'Ele, querida Senhora, abandone-Lhe tudo, (...) » (SIT, carta 157, à Senhora de Sourdan, 21-02-1903)

« (...) Como é bom abandonar-Lhe tudo com confiança, e depois, como uma criancinha nos braços de sua mãe, repousar no seu amor. (...) » (SIT, carta 208, ao Cónego Angles, 14/16-08-1904)

« (...) Jesus compraz-se em mostrar-me o caminho que conduz a essa fornalha divina; o caminho é o abandono da criancinha que adormece sem medo nos braços do seu pai (...) (STMJSF, Manuscrito B, 1 rº)

Abandono

« (...) Que ele [um coraçãozinho] te proteja, querida Maria Luísa e te traga felicidade, depois abandona-te nas mãos do bom Deus como uma criancinha repousando no seio da sua mãe. (...) » (SIT, carta 186, a Maria Luisa Ambry, 15-12-1903)

« (...) pensa que não estás só e que o santo Deus está contigo para te amparar, abandona-te nos Seus braços, Ele é todo Amor. » (SIT, carta 96, a Alice Chervau, 29-09-1901)

« (...) Minha querida Madre, recordei-vos o primeiro trabalho que Jesus e vós vos dignastes realizar por meu intermédio; (...) vi imediatamente que a tarefa era superior às minhas forças. Então coloquei-me nos braços de Deus como uma criancinha e, escondendo o rosto nos seus cabelos, disse-Lhe: “Senhor, sou pequena demais para alimentar as vossas filhas; se quereis dar-lhes o que convém a cada uma através de mim, enchei a minha mãozinha e, sem deixar os vossos abraços, sem virar a cabeça, darei os vossos tesouros à alma que vier pedir-me alimento. (...)” » (STMJSF, Manuscrito C, 22 rº - 22 vº)

Abandono

« (...) Como é bom perder-se, desaparecer n'Ele, sente-se tão claramente que já não se é senão uma máquina, que é Ele a agir, que é Tudo! Assim, entrego-me, abandono-me a este divino Bem-Amado, e fico tão tranquila por saber a quem me confio. (...)» (SIT, carta 38, ao Cónego Angles, 01-12-1900)

« (...) Oh! Como é bom viver no abandono por si e por aqueles que se ama! (...)» (SIT, carta 190, ao Cónego Angles, 04-01-1904)

« (...) Oh! como é doce o caminho do Amor! ... Quanto desejo aplicar-me a fazer sempre com o maior abandono a vontade de Deus! (...) »
(STMJSF, Manuscrito A, 84 vº)

A poesia «O abandono é o delicioso fruto do amor» foi escrita por Santa Teresa do Menino Jesus em 31-05-1897

Abandono

«(...) como Deus é bom, como é doce entregar-se a Ele, abandonar-se à Sua vontade; quando Ele quer qualquer coisa, sabe ultrapassar todos os obstáculos, aplanar todas as dificuldades. (...)» (SIT, carta 55, ao Cónego Angles, 19-05-1901)

« (...) Pobre dele! [do débil passarinho] tudo quanto pode fazer é agitar as suas pequenas asas; mas levantar voo, isso não está no seu pequeno poder! Que será dele? Morrerá de desgosto, ao ver-se impotente ? Oh, não! o passarinho nem sequer se vai afligir. Com um audacioso abandono, quer ficar a fixar o seu divino Sol. (...) » (STMJSF, Manuscrito B, 5 rº)

Abandono

« (...) Ah! Sejam, sim, inteiramente d'Ele, entreguemo-nos ao nosso Bem-Amado Jesus num generoso abandono. (...) » (SIT, carta 28, a Margarida Gollot, 01-07-1900)

«(...) Ah! Se todas as almas débeis sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas – a alma da vossa Teresinha – nem uma única perderia a esperança de chegar à Montanha do Amor, uma vez que Jesus não pede grandes ações, mas apenas o abandono e a gratidão.(...)» (STMJSF, Manuscrito B, 1 vº)

« (...) Possuí o sofrimento, e pensei abordar à praia do Céu; pensei que a Florzinha seria colhida na sua primavera ... Agora apenas me guia o abandono. Não tenho nenhuma outra bússola! (...)» (STMJSF, Manuscrito A, 83 rº)

Infância Espiritual



Infância Espiritual

«(...) Ele ama as criancinhas; façamo-nos a sua criancinha e deixemos que nos leve ao colo. É aí que sou inteiramente tua(..)» (SIT, carta 222, à sua irmã, 06-01-1905)

« (...) Permanecer criancinha diante de Deus é reconhecer o seu nada, esperar tudo do bom Deus, como uma criancinha espera tudo de seu pai; é não se preocupar com nada, não procurar adquirir fortuna alguma

Ser pequeno é, ainda, não se atribuir a si mesmo as virtudes que pratica, julgando-se capaz de alguma coisa; mas sim, reconhecer que Deus colocou esse tesouro nas mãos de seu filhinho para este se servir dele quando tiver necessidade; porém continua sendo sempre tesouro de Deus. (...)» (STMJSF, Últimas conversas, 6 de agosto)

Infância Espiritual

« (...) Oh! Olhe bem para Ele, apoie-se n'Ele e leve até Ele a sua alma, diga-Lhe que quer somente amá-Lo, que seja Ele a fazer tudo em si, porque é demasiado pequena. É tão bom ser-se criancinha do santo Deus, deixar-se levar por Ele todo o tempo, repousar no seu Amor! Peçamos esta graça de simplicidade e de abandono à Irmã Teresa do Menino Jesus; (...)» (SIT, carta 179, a Germana de Gemeaux, 20-09-1903)

« (...) Ó Jesus! como o teu passarinho está contente por ser débil e pequeno. Que seria dele se fosse grande? (...) Jesus, sou demasiado pequena para fazer coisas grandes (...) » (STMJSF, Manuscrito B, 5 rº - 5 vº)

« (...) Eu considero-me um débil passarinho, coberto apenas por uma leve penugem. Não sou Águia. Dela tenho simplesmente os olhos e o coração, pois, apesar da minha extrema pequenez, ousou fixar o Sol Divino, o Sol do Amor, e (...) » (STMJSF, Manuscrito B, 4 vº)

Infância Espiritual

«(...) Em vez de desanimar, disse para comigo: “Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis. Posso, portanto, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade. Fazer-me crescer a mim mesma é impossível; tenho de suportar-me tal como sou, com todas as minhas imperfeições. Mas quero procurar a maneira de ir para o Céu por um caminhito muito direito, muito curto; um caminhito completamente novo. Estamos num século de invenções. Agora já não se tem a maçada de subir os degraus de uma escada; em casa dos ricos o ascensor substitui-a vantajosamente. Eu queria também encontrar um ascensor que me elevasse até Jesus, porque sou demasiada pequena para subir a rude escada da perfeição. Então, procurei nos Livros Sagrados a indicação de ascensor, objeto do meu desejo, e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria eterna: Se alguém for pequenino, venha a mim [Prov. 9,4]. Então aproximei-me, adivinhando que tinha encontrado o que procurava, e querendo saber, ó meu Deus! o que faríeis ao pequenino que respondesse ao vosso apelo. Continuei as minhas buscas, e eis o que encontrei: - Como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e embalar-vos-ei nos meus joelhos! [Is 66, 13-12]

Ah! nunca palavras tão ternas e tão melodiosas me vieram alegrar a alma! O ascensor que me há-de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer; pelo contrário, é preciso que eu permaneça pequena, e que me torne cada vez mais pequena. (...)» (STMJSF, Ms. C, 2 vº - 3 rº)

Amor



Amor

« (...) Oh, como Ele é bom, minha irmã! Sim, amemo-Lo a ponto de O podermos chamar verdadeiramente o nosso «Bem-Amado», como diz a Nossa Madre. Entreguemo-nos ao Amor. Sim, sejamos vítimas do amor, mártires do amor, ah! isso é que seria bom e em seguida morrer de amor como a nossa Santa Madre Teresa. (...) » (SIT, carta 47, a Margarida Gollot, 18-04-1901)

« (...) Parece-me que, no Céu, a minha missão será de atrair as almas ajudando-as a saírem de si mesmas para aderirem a Deus por um movimento muito simples e todo feito de amor, e de as guardar nesse grande silêncio do interior que permite a Deus imprimir-se nelas, transformando-as em Si próprio. (...) O meu Mestre apressa-me. Ele já não me fala senão de eternidade de amor. (...) vivamos de amor para de amor morrer a fim de glorificar o Deus todo Amor.» (SIT, carta 335, à Irmã Maria Odília, 28-10-1906)

« (...) Caríssima Madre, parece-me que agora nada me impede de levantar voo, pois já não tenho outros desejos grandes, exceto o de amar até morrer de amor (...) » (STMJSF, Manuscrito C, 7 vº)

Amor

« (...) No amplo e grande coração desejava [S. Paulo] aos seus “que Jesus Cristo habite pela fé nos seus corações, a fim de que sejam enraizados e fundados no amor”. Formulo para si também este voto, querida Senhora. Que o reino do amor se estabeleça, pois, plenamente no seu reino interior, e que o peso deste amor a leve até ao esquecimento total de si mesma, até a essa morte mística de que falava o Apóstolo quando exclamava: “Vivo, mas já não sou eu, é Jesus Cristo que vive em mim”. (...) » (SIT, carta 264, à Senhora Angles, fim de janeiro de 1906)

« O amor é forte como a morte.» (SIT, carta 279, à irmã Maria da Trindade, 10-06-1906 (?))

« (...) Estou convencida de que se encontrásseis almas que se oferecessem como vítimas de holocausto ao Vosso Amor, Vós as consumiríeis rapidamente. Creio que ficaríeis contente por não reprimirdes as ondas de infinita ternura que há em Vós (...) Ó meu Jesus! que eu seja essa feliz vítima! Consumi o vosso holocausto com o fogo do vosso Divino Amor! (...)» (STMJSF, Manuscrito A, 84 rº)

Amor

« (...) apenas quero o que Ele quer, não desejo senão o que Ele deseja, e só Lhe peço uma única coisa: Amá-l'Ó de toda a minha alma, mas com um amor verdadeiro, forte e generoso! (...) » (SIT, carta 38, ao Cónego Angles, 01-12-1900)

« (...) Vivamos de amor, de adoração, de esquecimento de nós mesmos, na paz inteiramente alegre e confiante, porque “somos para Cristo, e Cristo é de Deus! [1Cor 3,23]» (SIT, carta 214, ao Abade Chevignard, 29-11-1904)

«A ciência do Amor! Ah, sim! Esta palavra ressoa docemente ao ouvido da minha alma. Não desejo senão essa ciência. Perante ela, tendo dado todas as minhas riquezas, penso, como a esposa do Cântico dos Cânticos, nada ter dado... Compreendo perfeitamente que não há nada que nos possa tornar agradáveis a Deus senão o amor; e este amor é o único bem que ambiciono. (...) » (STMJSF, Manuscrito B, 1 rº)

Amor

«(...) [após a Profissão] pude para mim exclamar: “Finalmente Ele é todo meu, e eu toda Sua, nada mais tenho senão a Ele, Ele é Tudo para mim!” E agora já só tenho um único desejo, amá-Lo, amá-Lo a toda a hora, zelar pela Sua honra como uma verdadeira esposa, fazer a Sua felicidade e torná-Lo feliz fazendo-Lhe na minha alma uma morada e um abrigo, para aí, pela força do amor, Ele se esqueça de tudo quanto os maus fazem de abominável! Sim querida Senhora, consolemo-lo. (...)» (SIT, carta 156, à Senhora Angles, 15-02-1903)

« (...) Bem o sabeis, ó meu Deus, nunca desejei senão amar-Vos; não ambiciono outra glória. O vosso amor precedeu-me desde a minha infância, cresceu comigo, e agora é um abismo, cuja profundidade não consigo sondar. O amor atrai o amor; por isso, meu Jesus, o meu lança-se para Vós, e quereria encher o abismo que o atrai, mas, pobre de mim! nem chega a ser uma gota de orvalho perdida no oceano! ... Para Vos amar como Vós me amais, preciso de me servir do vosso próprio amor; só então encontro repouso. (...)» (STMJSF, Manuscrito C, 34 vº-35 rº)

Amor

« (...) Lá no alto já não poderemos continuar a sofrer por Aquele que amamos, tiremos, pois, agora proveito de cada um dos nossos sofrimentos para consolar o nosso Bem-Amado; é tão bom poder dar-Lhe algo, a Ele que tanto nos mimou! Oh! Como Ele nos ama, querida irmã; se apenas pudéssemos compreender esta paixão de amor do seu Coração! (...); Oh! cresçamos dia após dia no Seu amor, comunguemos n'Ele sem cessar pelo sofrimento e pela imolação (...) » (SIT, carta 44, a Margarida Gollot, 07-04-1901)

(...) Mas escolho sofrer a chama purgatória / Do Teu ardente Amor, Coração do Meu Deus (...) (poesia de STMJSF «Ao Sagrado Coração de Jesus», junho ou outubro de 1895)

« (...) Não passo de uma criança impotente e fraca. Contudo, é a minha própria fraqueza que me dá a audácia para me oferecer como vítima ao teu Amor, ó Jesus! (...) e o Amor escolheu-me como holocausto, a mim, fraca e imperfeita criatura ... Não é tal escolha digna do Amor? ... Sim. Para que o Amor fique plenamente satisfeito, é preciso que Ele se abaixe até ao nada, e transforme esse nada em fogo.(...)» (STMJSF, Manuscrito B, 3vº)

Amor

« (...) E, então, unamo-nos para fazer dos nossos dias uma contínua comunhão: de manhã, acordemo-nos no Amor, durante o dia entreguemo-nos ao Amor, isto é, a fazer a vontade do bom Deus, sob o Seu olhar, com Ele, n'Ele, somente para Ele. Demos-Lhe todo o tempo sob a forma que Ele quiser, no seu caso devotando-se, fazendo a alegria dos seus queridos pais. E então, quando cair a noite, depois de um diálogo de amor que nunca cessou no nosso coração, adormecemos ainda no Amor. Talvez vejamos as nossas faltas, as nossas infidelidades, abandonemo-las ao Amor: é um fogo que consome, façamos assim o nosso purgatório no seu Amor! (...)» (SIT, carta 172, a Germana de Gemeaux, 20-08-1903)

« (...) Não tenho outro meio de Te provar o meu amor, senão o de lançar flores, isto é, não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum olhar, nenhuma palavra; aproveitar todas as mais pequenas coisas e fazê-las por amor....

Quero sofrer por amor e gozar por amor. Assim lançarei flores diante do Teu trono. Não encontrarei nenhuma sem a desfolhar para Ti (...) Ó meu Jesus! eu amo-Te! Amo a Igreja, minha Mãe. Sei que “o mais pequeno ato de puro amor Lhe é mais útil que todas as outras obras juntas” [S. João da Cruz]. Mas o puro amor estará de facto no meu coração ? ... Os meus imensos desejos não serão um sonho, uma loucura ? Ah! se assim for, Jesus ilumina-me! Tu bem sabes, eu procuro a verdade (...) Jesus, Jesus! Se é tão delicioso o desejo de Te amar, quanto o não será o possuir, o gozar o Amor? ... Como é que uma alma tão imperfeita como a minha poderá aspirar a possuir a plenitude do Amor? ... Ó Jesus, meu primeiro, meu único Amigo! Tu, a quem UNICAMENTE amo, diz-me, que mistério é este? (...)» (STMJSF, Manuscrito B, 4 rº - 4 vº)

Amor

«Que o bom Deus ensine à minha Guidinha o segredo da felicidade: ele consiste na união, no amor! ... Não ser senão “Um” com Ele, é ter o seu Céu na fé enquanto se espera a visão do face a face!...» (SIT, carta 104, à sua irmã, 07(?) - 01-1902)

« (...) Há duas palavras que para mim resumem toda a santidade, todo o apostolado: “União, Amor”. Rogai que eu assim viva plenamente (...)» (SIT, carta 191, ao Abade Chevignard, 25-01-1904)

«A caridade deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo composto de diversos membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava: compreendi que a Igreja tinha um coração, e que esse coração estava ardendo de amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja; que se o Amor se apagasse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires recusar-se-iam a derramar o seu sangue ... Compreendi que o Amor encerra todas as Vocações, que o Amor é tudo, que abarca todos os tempos e todos os lugares ... numa palavra que é Eterno! ... Então, num transporte de alegria delirante, exclamei: “Ó Jesus, meu Amor! Encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor! ...”.

Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e esse lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes ... No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor ... Assim serei tudo assim o meu sonho será realizado!!!» (STMJSF, Manuscrito B, 3 vº)

Amor

« (...) Ah, se soubesses como é bom amar o santo Deus e dar-Lhe o que Ele pede, sobretudo quando isso custa, não terias hesitado, desde há tanto tempo, em escutar-me. É certo que de início não sentes senão o sacrifício, mas verás, minha Framboesa, como depois disso se saboreia uma deliciosa paz! (...) Diz obrigado a Jesus por mim: estou por demais feliz. Não compreendes isso, mas se soubesses o quanto é bom não mais viver senão d'Ele ... Que Ele te ensine isso, peço-Lhe de toda a minha alma.» (SIT, carta 98, a Francisca de Sourdon, outubro-novembro /1901)

«(...) Eis, portanto, tudo o que Jesus exige de nós. Não precisa para nada das nossas obras, mas unicamente do nosso amor; porque o mesmo Deus que declara não ter necessidade nenhuma de nos dizer se tem fome, não receou mendigar um pouco de água à Samaritana. Tinha sede ... Mas ao dizer: “Dá-me de beber”, era o amor da sua pobre criatura que o Criador do universo reclamava. Tinha sede de amor ...

Ah! Sinto mais do que nunca que Jesus está sedento. Não encontra senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo; e entre os seus próprios discípulos encontra, infelizmente, poucos corações que a Ele se entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura do seu Amor infinito. (...)»
(STMJSF, Manuscrito B, 1 vº)

Amor

«(...) Pedi a Deus que eu viva plenamente a minha vida de carmelita, de noiva de Cristo, pois isso exige uniões tão profundas! Porque me amou Ele tanto?... Sinto-me tão pequenina, tão miserável, mas amo-o, não sei fazer outra coisa senão isso, eu amo-O com o Seu próprio amor, como uma dupla corrente entre “Aquele que é” e “aquela que não é”! (...)» (SIT, carta 131, ao Cónego Angles, 02-08-1902)

« (...) o seu Cenáculo é o “Amor”, este Amor que habita em nós; também todo o meu exercício consiste em entrar no íntimo, em perder-me n’Aqueles que aí estão! (...) » (SIT, carta 179, a Germana de Gemeaux, 20-09-1903)

« (...) Ó minha querida Madre! como é doce o caminho do amor! Pode-se cair, sem dúvida, podem-se cometer infidelidades; mas sabendo o amor tirar proveito de tudo, bem depressa consumiu tudo o que pode desagradar a Jesus, deixando apenas uma humilde e profunda paz no fundo do meu coração (...) » (STMJSF, Manuscrito A, 83 rº)

Amor

« (...) o bom Deus não retrai o coração àqueles que a Ele se entregam, bem pelo contrário, dilata-o, e podes crer que por detrás das grades não esquecemos aqueles que deixámos, quanto mais se está perto de Deus, mais se ama! (...)» (SIT, carta 60, a Maria Luísa Maurel, 05-06-1901)

« (...) Oh! se não fosse por Ele! ... mas, como vedes, ao Seu apelo a alma não pode resistir, Ele cativa, Ele acorrenta, já não nos pertencemos a nós mesmos, mas tornamo-nos a presa do Seu amor; pode nisto haver rasgões do coração, mas na alma reina uma inefável paz, uma felicidade que não se assemelha a nada aqui de baixo.» (SIT, carta 171, às suas tias Rolland, 15-08-1903)

« (...) Ó Jesus! como o teu passarinho está contente por ser débil e pequeno. Que seria dele se fosse grande? ... Nunca teria a audácia de aparecer na Tua presença, de dormir diante de Ti (...) Ao acordar, não fica desolado, o seu coraçãozinho fica em paz, e recomeça o seu ofício de amor. (...) Os abutres, imagem do demónio, o passarinho não os teme, pois não está destinado a ser presa deles, mas da Águia que contempla no centro do Sol do Amor (...) » (STMJSF, Manuscrito B, 5 rº - 5 vº)

Amor

« (...) Sim, é bem verdade o que diz S. Paulo, “Ele amou por demais”, amou por demais a Sua Isabelinha. Mas o amor clama por amor e nada mais peço a Deus senão compreender esta ciência da caridade de que fala São Paulo, e da qual o meu coração gostaria de sondar toda a profundidade. Será isso o Céu, não é assim, mas parece-me que se pode começá-lo aqui na terra, já que o possuímos a Ele e que, através de todas as coisas, podemos permanecer no Seu amor. (...) » (SIT, carta 219, ao Cónego Angles, início de janeiro 1905)

« (...) O que posso dizer-te, irmã querida, é que és amada, mesmo muito amada pelo nosso Mestre e que Ele te quer sua. Ele tem pela tua alma ciúmes divinos, ciúmes de Esposo. Guarda-O no teu coração “só e separado”; que o amor seja a tua clausura; há-de trazê-lo por todo o lado e assim encontrarás a solidão mesmo no meio de toda a multidão. Li que “o mais santo é o que mais ama, é o que olha mais para Deus e que satisfaz mais plenamente as necessidades do Seu olhar”. Que seja este o nosso programa. (...)» (SIT, carta 293, a Clemência Blanc, início de julho de 1906)

Santa Isabel da Trindade escreveu em 21-11-1904 a oração “Ó meu Deus, Trindade que eu adoro” e Santa Teresa do Menino Jesus escreveu em 09-06-1895 o “Ato de oferecimento ao amor misericordioso”

OBRIGADO

PELA

V. ATENÇÃO